

APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E PEDAGÓGICAS ENTRE SÓCRATES E PAULO FREIRE

Ana Alice Coelho da Silva¹
José Ramos Barbosa da Silva²
Daniel Figueiras Alves³

RESUMO

Este estudo nasce das observações do campo de estágio supervisionado na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, numa escola da rede pública estadual de João Pessoa (PB), em concomitância aos estudos que estamos fazendo no Projeto PROLICEN 2019: “A Didática em Movimento: o ensino da didática nas licenciaturas da UFPB”. Um paralelo que nos remeteu a ver aproximações entre a postura de ensino de Sócrates (469-399 a. C.) e a maneira da condução de aulas que se nomeiam baseadas na filosofia do ensino-aprendizagem de Paulo Freire (1921-1997), e é esta checagem o assunto deste trabalho. Optamos por fazê-lo sob a lógica do estudo comparativo, que explica fenômenos diferentes e analisa dados concretos e nomeiam similitudes e divergências, deduzindo desta apreciação os elementos constantes. E também sob a lógica dialética. Como resultado, apresentamos que o método de Sócrates era centrado no diálogo e na confrontação de ideias, consistindo em fazer com que seus discípulos, ao buscarem respostas para determinado problema, chegassem, por meio do diálogo, eles mesmos, às conclusões que almejavam. Identificamos aproximações entre este modo pedagógico e a pedagogia de Paulo Freire, que tem o princípio de levar o sujeito a pensar sobre o mundo e sobre si neste mundo, com possibilidades de transformar a si e ao mundo. Esperamos assim colaborar com os estudos desenvolvidos pela Didática sobre as abordagens de ensino e contribuir para reacender o debate acerca da Educação de Jovens e Adultos, modalidade de educação que, nos dias de hoje, precisa ser valorizada.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Sócrates, Paulo Freire, Maiêutica.

INTRODUÇÃO

Desde que a Didática tornou-se uma Ciência, verifica-se que o pensamento educacional, cada vez mais, vem se desdobrando em correntes que não se negam em ser atividade planejada, intencional e de propósitos pedagógicos. Batalha que se arma com argumentos históricos, filosóficos e políticos. Uma batalha tão antiga quanto é a própria existência da Filosofia, que mesmo antes de existirem escolas foi assunto de pensadores e, entre eles, destaca-se o ateniense do período clássico da Grécia Antiga, Sócrates (469-399 a.

1 Graduada do Curso de Ciências Biológicas Universidade Federal da Paraíba – UFPB e bolsista do Programa de Licenciaturas – PROLICEN/UFPB, alice_seguranca@hotmail.com;

2 Professor do Departamento de Metodologia da Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba – DME/CE/UFPB, barbossa2@hotmail.com;

3 Professor do Departamento de Metodologia da Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba – DME/CE/UFPB, danielfigalves@gmail.com

C.). Ele pregava que os jovens deveriam ser ensinados a conhecer o mundo e a si mesmos. Com mais de 2500 anos depois, suas pregações ainda ecoam diluídas em várias correntes pedagógicas, mesmo sem que lhes sejam dados os devidos créditos.

Tendo isto presente, este trabalho, tem por objetivo principal investigar as possíveis aproximações de ideias ou concepções pedagógicas em dois períodos e contextos bem distintos. O primeiro contexto situa-se numa visão de mundo centrada na descoberta do *ethos* humano na formação do indivíduo. Foi a partir de Sócrates que o pensamento se debruçou nas questões da alma (*psikhé*), do interior do indivíduo, no tipo de instrução a ser empreendida na busca de dotá-lo de qualidades de modo a torná-lo essencialmente melhor – e esse aperfeiçoamento se dá, como via de acesso, mediante o diálogo. O segundo contexto aborda a concepção freireana de educação, na valorização do diálogo entre os sujeitos – educador e educando – visando o pensamento crítico e a autonomia. Conforme podemos perceber, trata-se de uma aproximação entre dois modelos de pensamento que, a princípio, não se comunicam em propósito, nem em método e, tampouco, em contexto histórico. Contudo, nosso exercício, aqui, pretende lançar mão de elementos específicos de cada um deles, notadamente a noção de diálogo (interlocução entre sujeitos) para a construção (pela educação) de um sujeito político, pleno de autonomia e consciente de seu papel em sociedade. Algumas perguntas poderiam ser lançadas, de início, e que trilhariam, para tal, os rumos de nossa atividade de investigação. A primeira delas consistiria no esclarecimento teórico e conceitual a respeito da educação: o que é educação, qual seu sentido para Sócrates e para Freire? A partir disso, questionar quais os propósitos e interesses políticos dessa educação: que tipo de formação almeja?

METODOLOGIA

Pensar a Educação, enquanto “processo de desenvolvimento onilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas – físicas, morais, intelectuais, estéticas – tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais” como afirma Libâneo (1992, p. 22), e ter nesse percurso a instrução, enquanto formação intelectual e desenvolvimento das capacidades cognitivas, mediante o domínio de conhecimentos sistematizados, trás à cena, para os dias de hoje, a atuação da escola que é, em todos os casos, regida por alguma abordagem metodológica de ensino, muitas delas tradicional, mas, em menor quantidade, as ativas ou progressistas. No caso em tela, analisaremos sob o método comparativo, seguindo Marconi &

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Lakatos (2010), como influências do modo pedagógico do ateniense Sócrates (469-399 a. C.) estão presentes na filosofia pedagógica contemporânea do educador Paulo Freire (1921-1997).

Sabemos que a aproximação entre Sócrates e Freire pede uma abordagem metodológica dialética, em que os sujeitos e ideias serão postos em interlocução – à maneira socrático-platônica –, ressaltando semelhanças e identidades afins entre as distintas propostas educacionais. Ensaiamo-nos nisso. De acordo com Gil (2008, p. 13), “a dialética fornece bases para uma leitura mais completa da realidade ao estabelecer que os fatos sociais só podem ser compreendidos a partir de suas relações com interfaces políticas, econômicas, culturais”. Vale também ressaltar o caráter hermenêutico da abordagem metodológica proposta, na medida em que se faz necessário interpretar o pensamento de Sócrates e de Freire e ensaiar, por assim dizer, um discurso que possibilite as necessárias pontes para a interlocução.

DESENVOLVIMENTO

O filósofo ateniense Sócrates (470 – 399 a.C.) inaugura no pensamento ocidental uma concepção de educação atenta à investigação dos caracteres constituintes da alma (*psikhé*). A filosofia socrática rompe com a atividade investigativa e contemplativa dos elementos da natureza – a especulação sobre a constituição física do mundo –, concentrando-se no questionamento sobre o comportamento moral e a vida política. No século V a.C, a partir da profusão de ideias pedagógicas introduzidas no cenário da pólis grega pelos sofistas, a educação passa a adquirir uma configuração e finalidade política. A própria noção de *paideia*, traduzida para nosso contexto por educação, cultura, tradição, civilização e demais concepções em torno da formação integral do indivíduo, era motivo de disputa política. Havia na época clássica uma situação desenhada em que a educação, ou ainda, o projeto de formação do *ethos* humano, da configuração de valores de uma sociedade, estava influenciada por três modelos distintos (RODRIGO, 2014, p. 3).

O primeiro deles, de caráter tradicional, obedecia às orientações de uma cultura arcaica, em que os valores de uma sociedade bélica e guerreira se destacavam como o modo de vida desejável. Obedeciam, por assim dizer, aos costumes e regras de uma “cultura popular” – no sentido das tradições estabelecidas na sociedade. Tinham como referências a bravura e a coragem dos guerreiros (vide Aquiles e Ulisses, heróis na epopeia homérica), da mitologia repleta de deuses e figuras exemplares, da força da oralidade, da memória e culto aos antepassados. O segundo tipo de influência viera de fora das cidades gregas. Os sofistas,

espécies de sábios detentores de um vasto conhecimento, disputavam o modelo de formação dos jovens atenienses ao oferecerem uma educação mais pragmática e atenta para o treinamento da oratória e da retórica – instrumentos imprescindíveis para a disputa do poder político na cidade democrática, bem como para a ascensão social. A introdução de ideais educativos, intelectuais e democráticos, na sociedade grega da época pode ser atribuída aos sofistas –, *grosso modo*, os primeiros profissionais da educação de que temos notícia. A crítica direta à educação sofisticada, sobretudo à mercantilização do ensino (pois os sofistas cobravam pela educação oferecida) e ao pragmatismo (devido ao ensino da retórica como ferramenta discursiva para o convencimento), foi feita por Platão (428 – 347 a.C.) – discípulo de Sócrates. Os ideais de educação, conforme mencionamos anteriormente, eram objeto de disputa política, estando, assim, o terceiro tipo de influência atrelado à perspectiva socrático-platônica – filosófica, portanto.

Pois bem, poderíamos aqui nos perguntar: mas afinal qual a relação entre essa apresentação sobre o contexto da *paideia* grega e suas disputas de poder com a problemática levantada por esse texto? Responderíamos, por assim dizer, que a visão de uma educação voltada para promoção da autonomia dos indivíduos, capacidade crítica, para a investigação das mazelas da alma (a ignorância e o mal como fruto dela) são disposições e identidades pedagógicas que nossa educação (nossa visão contemporânea de educação) herdou dos gregos. A matriz socrático-platônica, mas fundamentalmente socrática – posto que foi Sócrates quem influenciou o pensamento de Platão de maneira decisiva em seus diálogos filosóficos – trouxe para a educação a preocupação com a educação do indivíduo, isto é, com o cuidado e de sua alma. Para Sócrates, aprender nada mais é do que rememorar conhecimentos já predispostos na alma, sendo o educador uma espécie de artesão (escultor) da alma. Da mesma maneira que uma estátua é resultado do árduo trabalho do escultor, que retira da pedra partes desnecessárias e imprime nela forma e volume, o educador trabalha a alma do educando considerando que nela já há o necessário para a plena formação moral. Caberia, assim, ao educador dotar seu discípulo de forma e volume, desenvolver nele suas aptidões e dons naturais (conhecimentos inatos). Trata-se da maneira como Sócrates educava a juventude de sua época, comportando-se como um artesão de ideias – o cerne do método socrático (CAMBI, 1999, p. 88-89).

Nos aproximamos, aqui, do ponto em que procuraremos estabelecer relação – aproximações – com Freire. Qual seria, então, essa ponte entre Sócrates e Freire? Apostamos na condição do diálogo, como método educativo e postura moral e política. Sócrates comportava-se como um artífice da educação de seu tempo quando fazia emergir ideias da

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

alma de seus interlocutores. Em que consiste a educação socrática, ou o método socrático? Basicamente em parir ideias. Daí advém o termo maiêutica: parir, dar à luz...

Na maiêutica a ferramenta ou o meio substancial para o nascimento de ideias (obtenção do conhecimento e do bem verdadeiros) se dá por meio do diálogo honesto entre interlocutores que almejam alcançar uma resposta verdadeira. Trata-se de uma disposição dialética, dialógica, de busca e investigação do conhecimento. Uma metodologia, portanto. Os interlocutores de Sócrates eram todo e qualquer indivíduo disposto a dialogar, ou ainda, interessado em – através do diálogo – construir os caminhos que conduzirão a investigação (epistemologia) à verdade, à essência das coisas. Há um diálogo platônico intitulado *O Mênon*, em que o personagem Sócrates estabelece uma conversa com um escravo analfabeto. Qual o sentido e propósito dessa passagem para nossa discussão aqui? Bem, é a de que Sócrates acreditava que a verdade não era propriedade dos intelectuais e aristocratas do saber, mas que a todos ela poderia pertencer. Sócrates discute com o escravo de Mênon (um sofista) sobre conhecimentos da matemática de seu tempo. Por meio de perguntas e respostas concisas (método socrático), conduz o escravo a ponderar sobre conhecimentos os quais não obtivera em sua vida. Afinal, por nunca ter recebido instruções matemáticas, somente pôde responder corretamente a Sócrates, posto que os conhecimentos lhe são intatos.

Paulo Freire nasceu em Recife (PE), no dia 19 de setembro de 1921. Segundo Gadotti (2006, p. 13), era uma pessoa bondosa, generosa, solidária. E seus livros são propositivos, esperançosos, otimistas. Para Scocuglia (1999), ele foi um pernambucano, advogado, católico, “progressista”.

Nos anos 1960, em pleno vigor do populismo e do nacional-desenvolvimentismo, como integrante do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, elaborou uma proposta de alfabetização para adultos que partia do seu “universo vocabular” e do cotidiano de seus problemas, para gerar palavras, sons, sílabas, fonemas e, com elas, ensinar a ler e escrever em pouco tempo (SCOCUGLIA, 1999, p. 10).

Sua forma de conduzir o ensino empolgava professores, estudantes, intelectuais, artistas e integrantes das “forças de esquerda”, e sempre esteve próxima do Movimento de Cultura Popular, criado no Terceiro Mundo, após a II Guerra Mundial. De certa forma, a educação proposta por Freire buscava dar poder ao povo, pelo reconhecimento de que o saber popular é tão importante quanto o saber científico. Daí a sua proposta dialógica de saberes entre professores e estudantes, evitando que neste processo de ensino-aprendizagens se estabelecesse hierarquia de valorização de saberes. Todas as pessoas e seus saberes são válidos, todos aprendem e todos ensinam, de forma dialógica. Esta sua forma de agir deu à sua experiência uma característica própria, horizontal, considerada de “libertadora” por uns e

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

por outros de “sociocultural”. Discutia-se filosoficamente a cultura dentro de uma sociedade desigual, classista, onde há opressores e oprimidos. Sua pedagogia era a encarnação das teorias de Antonio Gramsci (1891-1937), em realidades práticas. Freire politizava a educação e desvelava as opções ideológicas contidas nas falas e opções desta. E, na sua busca de ser coerente, se colocava contra aos professores que se contentavam apenas em discursar:

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. a sua irrefreída ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra ôca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la. (FREIRE, 1977, p. 65).

Para Giroux (2011), a pedagogia de Paulo Freire era crítica e radical.

A alfabetização, dentro dessa perspectiva mais ampla, não apenas *empowers* as pessoas mediante uma combinação de habilidades pedagógicas e de análise crítica, como também se torna um veículo para estudar de que modo definições culturais de gênero, raça, classe e subjetividade se constituem como construtos históricos quanto sociais. Além disso, a alfabetização, neste caso, torna-se o mecanismo pedagógico e político fundamental mediante o qual instaurar as condições ideológicas e as práticas sociais necessárias para o desenvolvimento de movimentos sociais que reconheçam os imperativos de uma democracia radical e lutem por eles. (GIROUX, 2011, p. 43).

O caminho adotado por Freire para a educação de pessoas buscava leveza. Todos deveriam dizer o que pensa sobre si, sobre o mundo, sobre os rumos do mundo. “(...) um trabalho com o objetivo de possibilitar uma real participação do povo enquanto sujeito de um processo cultural” (MIZUKAMI, 1986, P. 86). O diálogo era um caminho pedagógico, o único, sem o qual as pessoas não poderiam crescer na formulação de suas opiniões. Diálogo permitido inclusive ao professor, que precisa ser também reeducado. Um diálogo vinculado a um projeto político emancipador, sem o qual a pedagogia passava a ser vazia, alienante, não concreta e não prática. Diálogo que possibilita o pensamento sobre o próprio pensamento, de onde ele veio e porque ele tenta ser autoritário ou opressor. A luta é contra opressões. A do oprimido contra o opressor. Uma opressão que às vezes nasce de visões equivocadas do humano. Numa luta de libertação, onde “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1977, p. 27).

A Educação de Jovens e Adultos, destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria, conforme

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacionais (1996), por ser majoritariamente feita de trabalhadores, de filhos de trabalhadores, dos financeiramente marginalizados, encontra em Freire um esteio sólido para uma metodologia capaz de empoderar e de retirar o medo de quem sempre foi tido como “pessoa menor”, por não ter tido acesso ou de ter sido excluído de uma formação escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Existem relações entre o método socrático e o adotado por Paulo freire. Eles, cada um à sua maneira, oferecem meios para o pleno desenvolvimento do pensar sobre o mundo e sobre si, neste mundo. Ao agir sobre a cultura vivenciada por uma pessoa é provável que a atitude dessa pessoa seja alterada, trazendo pelas novas atitudes mudanças também ao mundo que a cerca. A pedagogia socrática também, nesse sentido, relacionava-se com o sujeito que pensava sobre si, sobre seus pensamentos, sobre sua atitude no mundo, tal qual são os caminhos propostos por Paulo freire. Em ambos os casos, o aprendente é o sujeito central da sua autoaprendizagem. Porém, em Freire esse sujeito não anda sozinho, ele é parte de suas relações com o mundo e seus iguais, como conteúdo e essência de sua autoeducação. Assim as didáticas empregadas por eles confluem na busca por transformações no indivíduo. Este não pode seguir inerte, alheio ao mundo e às suas questões pessoais. Busca-se um sujeito engajado, conhecedor de si e dos desafios econômicos, geográficos, climáticos, filosóficos e políticos do mundo. Fazer essa ponte na sala de aula entre a política do mundo e as decisões pessoais não é tarefa fácil. É isso o que torna Paulo Freire um caminho pedagógico difícil, tanto quanto deve ter sido difícil para Sócrates se manter fiel à sua lógica dialógica de tornar o outro mais sabido. O educador que se decidir seguir pela lógica dialógica do ensino terá de estudar mais, de se questionar mais, de saber das notícias políticas que marcam cada dia-a-dia, de se posicionar, de ser partidário, pois nessa lógica dialógica a neutralidade não existe.

Na educação, as ferramentas de quem faz deste ofício sua profissão não podem se contentar com a simples exposição de conteúdos feita pelo professor. Os alunos são parte dela, eles podem discutir cada assunto e buscar correspondências com a realidade. Segundo Hannoun (1998), “o processo de ensino-aprendizagem pressupõe sua eficiência e o valor positivo de suas finalidades, conteúdos e métodos”. Neste sentido, o autor defende que o conhecimento, e seus processos, tem sua expressão vital, com aspectos não apreensíveis, que fazem parte da grande complexidade do ser individual.

Num comentário de Arendt (1981), Sócrates unifica no seu pensamento dois perfis que aparentemente são contraditórios, a de um pensador e a de um homem em ação. Isso por que ele nem se considerava uma exceção entre as pessoas. Mesmo que fosse visto como um sábio. E nem pretendia ser governado por ninguém. Para ele todo cidadão deveria ter liberdade. Para a autora, Sócrates não deixou uma doutrina e seus diálogos são aporéticos, um tipo de filosofia constituída de perguntas sem apresentar respostas. Nem sempre seu método suscitava consenso entre seus discípulos, mas garantia o desenvolvimento do pensamento crítico. Ele firmava a pergunta como um método de ensinar. Perguntas que suscitavam o pensamento crítico. Sócrates, assim como Freire, era mestre e não se comportava como se fosse. O rótulo de mestre os diferenciava, e isso não era a intenção deles. Preferiam se definir como alguém que auxilia o aprender (como parteiras). Mas, não é isso justamente o que significa ensinar?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da teoria de Sócrates não figurar como uma referência em pedagogia das mais convencionais, seu método pode ser aplicado em aulas que objetivam o aprendizado dos alunos. Ele não se julgava um mestre, não se impunha assim. No entanto, sua postura, sua práxis, o definia como um grande mestre. O método de ensino que Sócrates desenvolveu foi revolucionário em seu tempo e parece ainda ser nos dias atuais, se considerarmos que ainda existem muitos educadores que norteiam suas práticas educacionais por métodos tradicionais, que não estimulam a autonomia do educando no desenvolvimento do seu saber. A busca pelo conhecimento exige também, se desfazer de certezas e confrontar ideias. Assim como Sócrates, Paulo Freire, por trazer a dialogicidade como essência da educação como prática da liberdade, encontrou resistência daqueles que não queriam que as pessoas, estimuladas por um diálogo, encontrassem chaves para uma autoconsciência e crescimento acerca de conhecimentos sobre si e de suas ações no mundo.

Como professores, devemos refletir profundamente sobre como conduzir e colaborar com o aprendizado de um ser. Ação que cobra compromisso com a causa educativa, sabendo que essa causa é uma tomada de decisão a favor ou contra qualquer forma de opressão. Essa dimensão política nunca deixou de estar presente em Paulo Freire. Talvez seja essa a causa dos que se posicionam a favor de aprisionar o outro a ser contra sua forma dialógica e educativa, sempre a favor da humanização do homem, de uma educação sempre a favor da liberdade.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. **The life of mind**. United states of América: Hancourt Brace Jonavich, 1981.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- GADOTTI, M. **Um legado de esperança**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIROUX, H. A. “Alfabetização e a pedagogia do empowerment político”. In: FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- HANNOUN, H. **Educação: certezas e apostas**. Editora UNESP. São Paulo, 1998.
- LIBANEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- RODRIGO, L. M. **Platão e o debate educativo na Grécia clássica**. Campinas (SP): Autores Associados, 2014.
- SCOCUGLIA, A. C. **A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1999.